

A FILOLOGIA DE ANTENOR NASCENTES E O INÍCIO, NO BRASIL,
DA LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DO ESPANHOL

ANTÓN CORBACHO QUINTELA*

ALEXANDRE FERREIRA DA COSTA**

RESUMO

Em 1919, Antenor Nascentes publicou, no Rio de Janeiro, a dissertação que apresentara ao concurso para provimento da cadeira de espanhol do Colégio Pedro II. Nessa obra, *Um ensaio de fonética diferencial luso-castelhana – Dos elementos gregos que se encontram no espanhol*, não consta a sua justificativa, nem se especifica a sua finalidade pedagógica. Infere-se que o intuito dessa prosa era a demonstração de erudição do autor e de sua capacidade para a reflexão gramatical. Assim, a qualificação como “ensaio” do primeiro trabalho assinala a disposição de Nascentes para a ponderação contrastiva, com uma presumível intencionalidade didática, entre o espanhol e o português. Essa dissertação patenteava, porém, como, a partir de uma perspectiva filológica, era possível aplicar as gramáticas clássicas à compreensão da formação dos sons distintivos entre o espanhol e o português. Após ter acumulado prática docente no ensino da língua espanhola, Nascentes compôs duas obras, *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920), propositalmente dirigida para o uso na sala de aula, e *Antologia espanhola e hispano-americana* (1943). Neste artigo, são sopesadas as categorias que marcaram o percurso pedagógico de Nascentes como professor de língua espanhola e analisa-se o método do ensino inerente às suas publicações.

Palavras-chave: Antenor Nascentes, ensino de espanhol, historiografia linguística.

Este texto visa ao exame das categorias que marcaram o percurso pedagógico de Antenor Nascentes como o primeiro professor concursado de língua espanhola; nele também é analisado o método de

* Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e colaborador externo do Grupo de Pesquisa GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela.
E-mail: corbachoq@ufg.br

** Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: alexandrecoσταaufg@gmail.com

ensino inerente às publicações desse professor. Antenor de Veras Nascentes (Rio de Janeiro, 17 de junho de 1886 – 6 de setembro de 1972) lecionou espanhol durante seis anos (1919-1924) no Colégio Pedro II, na então Capital Federal. Nesses anos, ele ocupou a primeira cadeira de língua espanhola criada na história das instituições públicas brasileiras da educação básica. Todavia, Antenor Nascentes não passou à história das Letras do Brasil por esse seu primeiro desempenho como professor, mas sim pelo seu labor docente – escolar e universitário – na língua portuguesa e pela sua produção científica, em relação ao português, na filologia, na etimologia, na dialetologia e na lexicografia. Assim, indaga-se: o que motivou Nascentes a prestar um concurso para ocupar essa primeira cadeira de espanhol? No *Discurso* (NASCENTES, 1952) proferido em 23 de setembro de 1952, no salão nobre do Externato do Colégio Pedro II, por ocasião do recebimento, sete anos após haver-se aposentado, do título de professor emérito, a respeito das suas motivações ele declarou que “não tive dúvida. Aproveitei a oportunidade” (p. 11). A criação da cadeira foi determinada pela Lei n. 3.674, de 7 de janeiro de 1919. Mediante essa lei – a lei orçamentária dos Estados Unidos do Brasil para o exercício de 1919 – alocava-se a verba para que funcionasse, no Colégio Pedro II, a cadeira mencionada. O princípio da reciprocidade tinha justificado essa provisão dentro das relações bilaterais do Brasil com o Uruguai, pois, do poder legislativo uruguaio, previa-se a criação de uma cadeira para o ensino de português.¹

Indicando que aproveitara “a oportunidade”, Antenor Nascentes revelou, em 1952, que o início do seu vínculo profissional com o castelhano, em 1919, foi relativamente casual. Ele havia ingressado, em 1897, no Colégio Pedro II – o Ginásio Nacional – para cursar os estudos secundários. Ao concluir esses estudos, começou a trabalhar como oficial no Ministério da Justiça e matriculou-se no Curso de Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas que funcionava, à tarde, no prédio do Ginásio Nacional. No *Discurso*, Nascentes afirmou que, enquanto estudava Direito, começou a querer se dedicar à docência no Pedro II por se sentir muito vinculado àquela instituição (NASCENTES, 1952, p. 11). Assim, o seu primeiro objetivo foi o de alcançar a cadeira de grego, mas, em virtude da supressão dessa disciplina nas estruturas curriculares do ensino secundário – *Reforma* de Carlos Maximiliano (Decreto

n. 11.530, de 18 de março de 1915) –, a estratégia para a sua inserção na carreira docente teve de ser reorientada e ele se voltou ao latim e à filologia. Eis a sua narração sobre o desfecho do seu projeto inicial para se converter em professor de grego ou de latim do Colégio Pedro II:

Despertou-se em mim então o desejo de algum dia fazer parte do corpo docente desta casa. Comecei a estudar grego. Já ia muito adiantado em meus estudos quando uma reforma do ensino acabou com a cátedra. Voltei-me para uma língua clássica. Estudei-a nos seus períodos clássico, posclássico e ante-clássico. Fui até as raízes indo-europeias. Desci à continuação nas línguas românicas. Estava justamente às voltas com a Gramática de Diez quando a lei orçamentária de 1918 criou no Colégio uma cadeira de espanhol. (NASCENTES, 1952)

Portanto, enquanto ele se preparava para um concurso de latim, convocou-se o concurso para professor de língua espanhola. Tratando-se de uma cadeira criada, a praxe, então, não era a abertura de um concurso, mas sim a nomeação direta de um profissional adequado para a ocupação do cargo. Porém, como havia vários candidatos, o concurso foi convocado. Nascentes, no *Discurso*, diz que a convocação aconteceu em consequência do fato de haver vários candidatos pré-indicados; logo, não era possível fazer prevalecer um desses candidatos sobre os outros:

Vieram dizer-me que, sendo cadeira nova, o Governo podia fazer o provimento sem concurso. Nem por isso desanimei. A persistência não me abandona. Os candidatos à cadeira sem concurso eram de fato muitos, mas o Governo, para não descontentar os protetores, saiu-se da dificuldade mandando abrir concurso. Entrei nele, tirei primeiro lugar e me vi catedrático de espanhol. (NASCENTES, 1952, p. 12)

Possivelmente houve exagero na afirmação de Nascentes ao assinalar que “os candidatos à cadeira sem concurso eram de fato muitos”. O hispanista Pinto do Carmo, no tratado *Presença de Espanha* (1960, p. 141), informa que os candidatos, incluindo Nascentes, eram apenas cinco.² Desconhecemos o temário do concurso, quem compôs a banca e se Nascentes carecia mesmo de “protetores”. Em dois depoimentos,

ele relatou como se preparou para o concurso. Nada nos permite afirmar que Nascentes estudara a língua espanhola antes de sua consagração às provas do concurso. É óbvio, já que se tratava de uma cadeira nova, que ele não cursara aulas de língua espanhola no Colégio Pedro II e infere-se que a matéria de espanhol não tinha feito parte das disciplinas nos seus estudos primários. Em entrevista concedida a Pedro Bloch (s/d), Nascentes (1952) afirma:

Preparei-me fazendo o levantamento de tudo que havia, em matéria de espanhol, de útil para o professorado, nas livrarias, na Biblioteca Nacional, nas editoras estrangeiras. [...] Meu trabalho foi sobre Fonética Diferencial entre o espanhol e o português. Para me preparar, lia um dicionário, à razão de 30 páginas por dia, para anotar todas as palavras que eu pudesse ignorar na prova de tradução (o perigo está sempre nas palavras sem sinônimos, como nomes de frutas, flores, coisas assim).³

Observa-se, pois, que o concurso se estruturou em uma presumível prova de títulos, na defesa de uma dissertação, e em uma prova de tradução. No *Discurso*, Nascentes também narrou como se preparou para prestar o concurso, frisando que, afora os conhecimentos teóricos que teve que adquirir *ad hoc*, ele dispunha da prática oral com o idioma, obtida no seu relacionamento com espanhóis:

Assim que a lei foi sancionada, levantei uma bibliografia. Fui ver o que havia na Biblioteca Nacional, comprei o que havia nas livrarias. Encomendei na Espanha o que faltava. E toca a estudar. [...] Ao conhecimento teórico aprofundado, adquirido no espaço de tempo anterior ao concurso, juntava o conhecimento prático da língua, obtido na convivência das famílias espanholas Álvares Coello, da Galiza, e Areia e Mourinho, da Castela Velha. (NASCENTES, 1952, p. 12)

Por um lado, por meio dessa declaração, conclui-se que a aproximação acadêmica de Nascentes à língua espanhola aconteceu em decorrência do seu estudo da filologia românica, isto é, ele se deparou com a linguística diacrônica do espanhol à medida que, de forma autodidata e visando ao concurso das línguas clássicas, estudava o latim vulgar e a história da língua portuguesa. Assim, declarando que teve de levantar a bibliografia, Nascentes manifestou que não dispunha

de obras específicas sobre a língua espanhola antes de o concurso ser aberto. Por outro lado, em seu depoimento, Nascentes faz questão de ressaltar que tinha “conhecimento prático” do espanhol e que este se devia ao seu convívio com famílias de imigrantes espanhóis no Rio de Janeiro. Cabe aqui questionar em que grau o contato frequente com esses estrangeiros contribuiu com a sua aprendizagem da língua espanhola. Cumpre considerar que deveria se tratar de pessoas arraigadas na Capital Federal, bastante aculturadas no Brasil, com idioletos, no caso dos “Álvares Coello”, permeados pela variedade galega. No caso dos “Areia e Mourinho”, a ortografia dos sobrenomes, alheia ao espanhol e produto de um claro abrasileiramento, denota a integração desses indivíduos no país, com prováveis efeitos na sua fala. Mas carecemos de elementos de juízo para podermos apontar se essas nuanças eram efeito da ilusão biográfica do professor.

Empossado na cadeira de espanhol, Nascentes sofreu as agruras que, reiteradamente, caracterizariam, ao longo do século XX, o exercício da docência de língua espanhola na educação básica, isto é, a desvalorização e a marginalização da disciplina. No *Discurso*, ele declara que “a cadeira era facultativa, o que lhe trazia certa condição de inferioridade. Tinha os piores horários [...]: os alunos não compravam o *Quixote* para os indispensáveis exercícios de aula; não havia exame; pouco adiantava a nota. Tal situação não podia continuar” (NASCENTES, 1952). Na entrevista que lhe fez Pedro Bloch (s/d), descreve também a circunstância negativa para a realização do labor docente:

Entrei para professor de espanhol em 1919. Mas sofri muitas humilhações, porque ninguém estudava. Não havia nem horário, nem exame. Eu só podia apanhar as sobras dos horários. Quando surgiu o desdobramento das cadeiras de português e latim, me deram a escolher. Optei pelo português.

Para reverter essa situação, Nascentes empenhou-se na transformação da matéria de língua espanhola em disciplina obrigatória. No *Discurso*, ele diz que, com essa finalidade, reuniu-se com o Ministro de Educação, Dr. João Luiz Alves, mas como nada conseguiu, desistiu do ensino do espanhol em 1924, extinguindo-se oficialmente a cadeira, em 1926, como consequência da reforma do ensino do ano anterior. O hispanista Pinto do Carmo (1960, p. 141-142) avaliou esse fato; ele

assinalou que o fracasso mostrado pelos poucos alunos que, a cada ano, se matriculavam na disciplina, deveu-se, em parte, à credence da fácil compreensão do castelhano para os brasileiros. Todavia, o Prof. Silvio Júlio, nas suas *Nótulas de literatura espanhola para brasileiros*, salienta que, na época, as representações sobre a cultura espanhola ocorridas no Brasil não favoreciam a associação da modernidade à língua espanhola. Silvio Júlio (1962, p. 17) afirma que “a Espanha era, para nossos compatriotas de 1914, um país decaído, mediocrizado, quiçá ridículo e incapaz de produzir assombros iguais aos gálicos”.

Em 1940, apesar de Antenor Nascentes ter recebido a proposta de Gustavo Capanema, Ministro de Educação e Saúde Pública, para, aproveitando o seu concurso no Colégio Pedro II, ocupar a cadeira de espanhol como professor efetivo, na Faculdade Nacional de Filosofia, ele declinou o convite.⁴ A sua passagem à cadeira de português em 1924, no Pedro II, marcou, pois, o final da sua carreira docente como professor de espanhol e encerrou esse primeiro tímido projeto de incorporação do espanhol ao Ensino Médio do Brasil. Contudo, nesse breve período, a ação de Nascentes em relação ao espanhol não se reduziu à docência. Ele foi um prolífero pesquisador; embora, se considerada no conjunto da sua vasta obra, a sua produção científica vinculada à língua espanhola seja relativamente escassa e se detivesse em 1943, ela marcou o início do hispanismo no Brasil a respeito do ensino da língua espanhola. As suas obras inauguraram, por um lado, a história da publicação das gramáticas de espanhol para brasileiros e das antologias de textos em castelhano para o seu uso na sala de aula; por outro lado, a história dos trabalhos científicos – filológicos e linguísticos – sobre a língua espanhola e a sua docência para brasileiros. Essas obras foram *Um ensaio de fonética diferencial luso-castelhana – Dos elementos gregos que se encontram no espanhol*, a *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920) e a *Antologia espanhola e hispano-americana* (1943). Entre 1922 e 1942, Nascentes também publicou nove artigos, de temática bastante variada, sobre a língua espanhola e a literatura da Espanha;⁵ em 1927, traduziu ao português *El Buscapié*. Todavia, a tradução não esteve entre as suas principais dedicações profissionais. De fato, ele não foi o responsável pela versão em espanhol da sua derradeira obra nessa língua, publicada no Rio de Janeiro, em 1944. Referimo-nos à sua monografia *Difusión de la lengua portuguesa en el Brasil* (NASCENTES, 1944),

traduzida e anotada por Alarcón Fernández do original em português, previamente publicado em 1939.

UM ENSAIO DE PHONETICA DIFFERENCIAL LUSO-CASTELHANA –
DOS ELEMENTOS GREGOS QUE SE ENCONTRAM NO ESPANHOL

Até meados do século XX, não foi raro que se publicassem os trabalhos apresentados em concursos para provimento de cadeiras nas faculdades brasileiras. É claro que o poder simbólico que, na década de 1910, tinha o colégio padrão – o Colégio Pedro II – fazia com que a posse de uma vaga docente nessa instituição envolvesse prestígio e que, portanto, os seus concursos fossem concorridos. Assim, as teses ou dissertações dos seus concursos deveriam transparecer a aptidão e a erudição do candidato a professor. Nascentes deve ter ficado bastante satisfeito com o seu heterogêneo trabalho, pois decidiu que a sua divulgação era necessária e o publicou. O envolvimento dele com a difusão das pesquisas inerentes à sua tese de concurso é demonstrado pela reprodução, na sua *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (NASCENTES, 1936, p. 153), da nota, datada em 29 de outubro de 1920, que lhe remetera o secretário – Emilio Cotarelo – da *Real Academia Española* acusando o recebimento de um exemplar do livro.

O livro de Nascentes não tem um único título que englobe todo o conteúdo. Ainda que no título sejam apontados dois trabalhos, a obra, carente de índice, reúne três estudos nitidamente diferenciados. Assim, *Um ensaio de fonética diferencial luso-castelhana*⁶ contém um capítulo só vinculado de um modo indireto a essa epígrafe. Trata-se do capítulo “Palavras Portuguezas de Cunho Espanhol” (NASCENTES, 1919, p. 72-96).

A obra carece de um prólogo ou de uma apresentação. Indica-se apenas que se trata do “Trabalho apresentado em concurso para provimento da cadeira de espanhol do Collegio Pedro II”⁷ e que está dedicado aos mestres do autor, de 1897 a 1902, e aos, naquele momento, professores do colégio. O nome do autor é acompanhado pela especificação da sua titulação: “Bacharel Laureado pelo Gymnasio Nacional (hoje Collegio Pedro II), bacharel em sciencias jurídicas e sociaes, bibliothecario do Instituto dos Bachareis em Letras”. Curiosamente, a

essa titulação não foi acrescentado o seu cargo de professor de espanhol do Colégio.

O primeiro estudo, *Um ensaio de phonetica diferencial luso-castelhana*, está dividido em doze capítulos, mostrando o processo de constituição do vocalismo e do consonantismo do português e do espanhol. O primeiro capítulo, “Línguas Românicas”, refere-se sumariamente à história externa – os aspectos etnológicos e político-comerciais – e à história interna da língua latina com o intuito de explicar a fragmentação românica. O autor ampara os seus juízos citando Diez, Hovelacque, Ascoli, Schuchardt, Groeber, Meyer-Lübke, Brugmann, Meillet e João Ribeiro, uns estudiosos com que dialoga, ora corrigindo-os, ora concordando com eles. Todavia, com a exceção de Diez, de quem aponta a sua Gramática, não especifica a que obras desses linguistas ele se refere. De fato, uma característica desse livro de Nascentes, tanto no texto quanto no final, é a ausência de referências bibliográficas, embora reproduza exposições em alemão, tratando-se de Meyer-Lübke ou de Wechssler, em francês, tratando-se de Diez ou de Victor Henry, ou em espanhol, tratando-se de Agustín Durán.

Em relação à história interna do latim, Nascentes menciona a influência dos substratos na evolução dessa língua, mas assinala que foi escassa a repercussão, sobre a sua pronúncia, dessa influência. Assim, ele aponta as próprias variedades diacrônicas regionais inerentes à língua latina como as responsáveis pelo surgimento dos dialetos romances e, posteriormente, das línguas neolatinas, dentre elas, o português e o espanhol. O capítulo seguinte, “O português e o espanhol”, sintetiza, com base em causas etnológicas e políticas, “os germens da dichotomia” gramatical entre ambas as línguas. Isto é, para Nascentes, as mudanças estruturais na gramática dos romances hispânicos, em primeiro lugar, foram ocasionadas por influências de substrato e adstrato sobre um dialeto latino, por ele denominadas “causas etnológicas” (NASCENTES, 1919, p. 10), e, em segundo lugar, puderam ser consolidadas quando houve instâncias que se identificaram com o romance e, do seu poder, protegeram os estágios evolutivos dele tornando o seu uso oficial – as denominadas, por Nascentes, “causas políticas”. No final do capítulo, Nascentes enuncia a que, provavelmente, é a primeira ponderação publicada no Brasil acerca das dificuldades que geram, para a aprendizagem do espanhol, as semelhanças entre essa língua e o português:

Quem fala o portuguez lê e comprehende o espanhol, com deficiencia, é verdade, mesmo sem ter aprendido. A immigração, o theatro, a vizinhança de republicas espano-americanas tornam o espanhol uma lingua familiar aos nossos ouvidos.

Mas a semelhança (parece um paradoxo) é a maior difficuldade para quem maneja as duas línguas, é preferível o italiano que já sabe ser differente, ou outra qualquer língua. A natureza não creou duas folhas iguaes na mesma arvore; as irmãs gêmeas têm seus traços differenciaes e é na phonetica principalmente que vamos encontrar os mais característicos. Dahi a escolha do nosso assumpto. (NASCENTES, 1919, p. 11)

Interpreta-se, pois, no final do capítulo segundo, que o objetivo de *Um ensaio de phonetica diferencial luso-castelhana* é a apresentação, com base em uma perspectiva romanística, da evolução dos sons do latim. Desse modo, o autor visa a mostrar como as *causas étnicas e políticas* fizeram com que, ora não se transformassem os sons latinos no processo de formação do romance português e do romance castelhano, ora, acontecendo a evolução, surgissem novos sons – sons românicos – às vezes coincidentes no português e no castelhano, às vezes não. Com esses fins, o primeiro labor de Nascentes é o de justificar a existência, na romanística, de leis fonéticas; a isso dedica o terceiro capítulo, “Leis Phoneticas”. Nele, Nascentes, após definir, citando Brugmann, que é uma lei fonética, expõe, em um amplo diálogo sobre teoria com linguistas e filólogos, o seu desacordo com a *Escola dos Neogramáticos*, já que não concorda com o recurso à analogia como primeira e única explicação para as mudanças fonéticas; ele defende que o que prevalece nessas mudanças é a vontade dos falantes, a qual, segundo ele, é com frequência determinada pela eufonia e pela economia na articulação. A exposição de Nascentes não se baseia em juízos de valor próprios; ela se fundamenta nos discernimentos dos principais gramáticos europeus do século XIX e do começo do século XX, demonstrando, assim, a sua atualização bibliográfica, e, portanto, a sua erudição, e fazendo patente a sua capacidade para comparar, criticamente, as teorias da romanística.

No restante do ensaio, há a exposição, através do apontamento de leis fonéticas e de abundante exemplificação, da evolução dos sons latinos. Trata-se de uma exposição relativamente breve – 53 páginas –,

mas que, pela abrangência do objeto de estudo, demonstra a habilidade para a síntese do autor. Destarte, começa com o vocalismo, centrando-se na mudança do tipo de acento, isto é, concentrando-se na passagem da quantidade à abertura. Diferencia, em primeiro lugar, o vocalismo tônico do átono; aborda, depois, as vogais em hiato e encerra essa parte tratando dos ditongos – capítulo oitavo. Ele apoia a sua exposição em explicações dadas por Diz, Meyer-Lübke e Menéndez Pidal. Com esses mesmos avais, do capítulo nono ao doze, Nascentes expõe o processo constitutivo das consoantes segundo a divisão clássica dos estudos de romanística (consoantes simples, consoantes dobradas e grupos consonantais). A seguir, Nascentes insere o capítulo “Palavras portuguesas de cunho espanhol”. Constituiria o décimo terceiro item do ensaio, mas, como foi acima assinalado, só mantém um vínculo indireto com o que o precede. Contudo, nesse capítulo, o autor insere uma explicação sobre a utilidade prática, e supostamente pedagógica, do conhecimento das leis fonéticas, a qual funciona como a justificativa de toda a reflexão prévia. Embora reconheça o empecilho que criam as exceções, ele diz que o estudo das leis fonéticas “nos permite passar com facilidade, sem auxílio de dicionário, de uma palavra de uma das línguas para a correspondente na outra, quer directamente, quer por intermedio do latim” (NASCENTES, 1919, p. 72). No capítulo que, ainda que desligado, encerra o ensaio, há também uma justificativa: “que me conste, não há um estudo especial das palavras portuguesas que representam empréstimos espanhóis ou espano-americanos, ou trazem o cunho espanhol” (p. 73). Nascentes fez, portanto, o levantamento dos empréstimos que, através do espanhol, chegaram à língua portuguesa. A partir, sobretudo, do dicionário de Caldas Aulete, coletou e analisou 234 termos. Esse trabalho de recopilação é encerrado com um comentário sobre as controvérsias que a classificação de três vocábulos – *gelosia*, *irmão* e *menino* – tinha gerado, pois não havia unanimidade entre romanistas e lexicógrafos sobre a sua caracterização como empréstimos do espanhol. A segunda parte do livro, a referida à língua grega – *Dos elementos gregos que se encontram no espanhol* –, é também um trabalho de recopilação de léxico. Todavia, o principal objetivo desse trabalho não consiste na listagem e no comentário morfológico e semântico dos termos gregos que integram o léxico espanhol, mas sim na verificação de que se esses termos faziam parte do estrato do castelhano, ou seja, se já estavam

incorporados ao latim que gerou as vozes patrimoniais espanholas, ou se integraram o espanhol tardiamente, quer como cultismos quer como empréstimos do grego moderno.

O trabalho *Dos elementos gregos que se encontram no espanhol*, se contextualizado na situação do ensino médio no final da década de 1910, chama a atenção porque, sendo parte de uma dissertação de concurso para uma vaga de professor secundarista de língua espanhola, remete a uma língua – o grego – que havia pouco tempo, em 1915, que fora suprimida da estrutura curricular do ensino secundário. No entanto, do mesmo modo que fez através do ensaio e da compilação de empréstimos, por meio desse estudo o autor provou a alta qualidade da sua formação acadêmica. Não cabe dúvida de que a banca examinadora soube apreciar os conhecimentos de Nascentes em latim e grego e a sua erudição romanística. Atendendo aos depoimentos de Nascentes em relação ao investimento que fez para se preparar para os possíveis concursos dessas duas línguas clássicas, é claro que, para o concurso de língua espanhola, ele aproveitou os conhecimentos que tinha reunido sobre o grego e o latim aplicando-os aos seus exames sobre o espanhol. Nascentes disse que teve que aproveitar “a oportunidade” que lhe brindava o concurso de espanhol para culminar o seu projeto de converter-se em professor do Pedro II. Ele soube aproveitar a oportunidade. Poderia, no entanto, haver dúvidas acerca da aptidão de Nascentes para transformar a sua sapiência em noções dirigidas a um temário cabível em um método prático de ensino do espanhol no segundo grau. Mas a publicação, em 1920, da sua *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* demonstrou a capacidade do autor para a utilização didática dos seus conhecimentos.

A GRAMÁTICA DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA USO DOS BRASILEIROS E A ANTOLOGIA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

A *Gramática* de Nascentes, editada em 1920, foi a primeira gramática da língua espanhola publicada no Brasil. Não tivemos acesso à primeira edição; consultamos a quarta, sem data, mas provavelmente de 1936. Nela, não é mencionado que se trate de uma edição revisada ou ampliada; conseqüentemente, não nos é possível afirmar se houve alterações a respeito da primeira edição. Quando essa quarta edição foi

lançada, havia mais de uma década que Nascentes abandonara a docência do espanhol e, conseqüentemente, havia mais de uma década que o espanhol tinha desaparecido do ensino médio regular. Isso significa que a *Gramática* de Nascentes, suspenso o seu uso na sala de aula, era útil para os estudantes autodidatas do castelhano. A obra possui uma introdução na qual se indica que o espanhol é, como o português, uma língua latina e são marcados os territórios onde ele é falado. O autor fez questão de destacar que, embora o espanhol fosse a língua oficial de toda a Espanha, havia, no reino, outras línguas – o galego “co-dialeto do português” (NASCENTES, 1936, p. 4), o *vasconço* e o catalão, este com as suas variedades de Valência e Baleares – e frisa, mediante um apontamento, que será habitual nos seguintes manuais do século XX, que, apesar de o espanhol ser também chamado de castelhano, adotava-se a denominação de língua espanhola, por ela ser a predominante no “estrangeiro”, quer dizer, nos países onde o castelhano não era idioma oficial (p. 5). Na introdução, é enunciada uma justificativa para o estudo do espanhol, a qual, por sua vez, contém a argumentação que mais se tem aduzido nas diversas tentativas, ao longo do século XX, de implantação do espanhol:

Estando o Brasil cercado de países onde se fala o espanhol e com os quais se acha em relações constantes, de ordem política, comercial, etc, é de grande vantagem para os brasileiros o conhecimento não perfunctório daquela língua, assim como o da língua portuguesa o é para os naturais de outros países da América do Sul. (NASCENTES, 1936, p. 4)

Nascentes afirma, tal como fez no *Ensaio*, que, ainda que parecesse um paradoxo, a extrema semelhança entre o português e o espanhol era precisamente o maior óbice para o aprendizado da língua estrangeira e advertia que, quando o considerou preciso para a sustentação dos seus apontamentos, apoiou-se na autoridade da qual estão revestidas as determinações da Real Academia Espanhola, por ele compartilhadas, um recurso que se verifica, pelas frequentes citações, ao longo da obra da gramática dessa academia.

A *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* está dividida em vinte e sete capítulos, os quais constituem a gramática propriamente dita, aos que seguem uma reflexão metodológica, intitulada

“O ensino prático do hespanhol”, e trinta e duas lições englobadas pelo título “Parte Prática”. Todas as seções da obra foram redigidas em português, embora, obviamente, a farta exemplificação que acompanha as explicações seja em espanhol. Os dois primeiros capítulos são dedicados às letras e aos sons do espanhol; o terceiro dedica-se à ortografia e o quarto, à prosódia. Nos doze capítulos seguintes, abordam-se as categorias gramaticais nesta ordem: artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo, preposição, advérbio, conjunção, interjeição; o capítulo dezessete trata da formação de palavras mediante a composição e a derivação. Os cinco capítulos seguintes dedicam-se à sintaxe do espanhol; o vinte e três trata dos arcaísmos e neologismos; o vinte e quatro, dos barbarismos e solecismos; e o vinte e cinco, dos idiotismos. Esta parte estritamente gramatical encerra-se com umas “Noções práticas de fonética” (Cap. XXVI) e umas “Noções de semântica” (Cap. XXVII). O traço distintivo no enfoque das apresentações gramaticais de Nascentes, nesses capítulos, é o constante recurso à língua portuguesa com vistas, por um lado, à identificação dos traços gramaticais compartilhados por ambas as línguas e, por outro, à percepção das diferenças às quais há que atentar.

A perspectiva de Nascentes sobre a metodologia para o ensino do espanhol é exposta no capítulo “O ensino prático do hespanhol” (p. 118-119). Nele, o professor demonstra o seu conhecimento dos métodos Berlitz, Paillardan, Gouin, Thora e Goldschmidt. Assim, ele expressa que não acredita que se possa aplicar às línguas estrangeiras modernas o procedimento tradicionalmente usado para, por exemplo, aprender as línguas clássicas, ou seja, a memorização de regras gramaticais para poder ler, compreender e traduzir textos. Ele crê que, em relação às línguas estrangeiras modernas, as primeiras competências que devem ser adquiridas são a da compreensão oral e a da expressão oral; para isso, é necessário seguir o “processo natural”, tal como fazem as crianças em relação à sua língua materna ou os viajantes e imigrantes perante uma língua estrangeira. Todavia, Nascentes (1936) salienta que, em virtude da proximidade gramatical entre o português e o espanhol, métodos como o Berlitz precisam ser ajustados:

Pena é que o método Berlitz, que tão bons resultados dá no ensino do francês, do inglês e do alemão, não dê os mesmos resultados quanto ao espanhol.

Explica-se: para um inglês ou para um norte-americano, o espanhol é uma língua muito diferente; por conseguinte, justifica-se a distribuição de lições.

Com o português não se dá a mesma coisa: não há necessidade de gastar uma lição para ensinar as dimensões e as cores, por exemplo, pois o vocabulário é por demais semelhante para que se empregue tanto tempo em ensiná-lo.

Daí a necessidade de um curso prático que leve em conta o estreito parentesco entre o espanhol e o português. (p. 118)

Nascentes defende que as aulas de espanhol sejam totalmente ministradas nessa língua, evitando-se sempre, inclusive, a tradução ao português das palavras espanholas cujo significado seja perguntado, e ressalta a importância de o docente exigir dos alunos respostas com frases extensas às perguntas que ele formule. O autor indica qual deve ser a estrutura básica de um plano de aulas. Assim, diz que cada aula – cada “lição” – deve ter, em primeiro lugar, um tema. Acerca dele, o professor deverá fazer perguntas aos alunos e, depois, deverá ler um texto sobre o qual também haverá questões para os alunos responderem oralmente. A respeito da prática escrita, ele recomenda que se escolham gêneros para a produção textual que tenham a ver com as necessidades imediatas dos alunos. Nascentes afirma que “em vez da versão de trechos de antologia, é preferível ensinar a redigir cartões postais, telegramas, bilhetinhos, cartas, que são as coisas que o aluno precisará escrever em língua estranha” (p. 119).

Para facilitar o labor docente, o autor propõe uma sequência de temas e acrescenta, por um lado, o léxico fundamental em relação a cada um deles e, por outro, os capítulos da parte gramatical da sua obra que podem ser desenvolvidos durante a exploração do tema, isto é, ele cria uma correspondência entre a gramática propriamente dita – a parte teórica do livro – e a prática que, a partir de um tema, deve ser efetuada na sala de aula. Os temas propostos são os seguintes: a sala de aula, as partes do corpo, as peças do vestuário masculino, as matérias primas, os cinco sentidos, as fórmulas de cortesia, a casa, as refeições, a família, os animais, as plantas, a natureza, o tempo, os ofícios e as profissões, uma cidade, uma viagem, a Espanha, a América Espanhola, os brinquedos e jogos e, finalmente – 32ª lição –, os esportes e jogos ginásticos, para os

quais fornece dois textos narrativos em espanhol, um sobre as touradas e outro sobre a *pelota basca*.

Desconhecemos as tiragens que tiveram as quatro primeiras edições da *Gramática* de Nascentes, mas chama a atenção para o fato de que se tratasse de um livro para professores de espanhol do ensino médio, pois o único professor secundarista concursado que houve no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, foi ele. Nascentes não concebeu a sua *Gramática* como um manual didático destinado aos alunos ou como um método para aprender espanhol sem mestre. Contudo, dada a circunstância do ensino regulado do espanhol nessas duas décadas e reparando nas edições da obra, vale considerar que se tratou de um produto demandado pelos estudantes. A obra recebeu uma quinta edição em 1943 (NASCENTES, 1943a), provavelmente causada pela aprovação do Decreto-Lei de 9 de abril de 1942 – a lei orgânica do ensino secundário –, pelo qual (Art. 12) acrescentava-se o espanhol às disciplinas pertinentes ao ensino dos cursos clássico e científico. Essa quinta e última edição contém alguns pequenos acréscimos e algumas leves mudanças estilísticas em relação à anterior; nela, a novidade é dada pela inserção, no final da obra, de um breve vocabulário espanhol-português. Nascentes encerrou o seu labor de produção de materiais didáticos para a aprendizagem do espanhol publicando, em 1943, uma *Antologia Espanhola e Hispano-americana*, a qual, partindo da Idade Média, reúne textos literários dos três gêneros clássicos. Nela bota-se em falta, além da apresentação dos critérios utilizados na seleção e de uma maior presença de textos do século XX, a contextualização dos produtos escolhidos. No Prefácio, Nascentes (1943b, p. 5) justificou a simplicidade da sua obra:

Os múltiplos trabalhos ora a cargo do autor desta antologia não lhe permitiram mais que a seleção cuidadosa dos melhores trechos que apresentam a literatura espanhola e a dos povos hispano-americanos. Se a obra alcançar segunda edição, espera êle enriquecê-la com um esboço histórico da literatura espanhola, notícias bio-bibliográficas e anotações, fazer acréscimos e substituições. Tudo dependerá do favor do público.

A *Antologia* teve, de fato, uma segunda edição, em 1945, mas essa foi a última publicação de Nascentes dedicada ao ensino do espa-

nhol. Na década de 1940, o Decreto-Lei de 9 de abril de 1942 produziu, relativamente, uma eclosão de gramáticas e de antologias de textos da língua espanhola, publicadas na cidade do Rio de Janeiro ou em São Paulo. Em 1943, Adolfo Pozo y Pozo publicou a sua *Gramática española para os alunos do ciclo colegial, admissão às Faculdades de Filosofia e demais escolas superiores* e um *Florilegio Castellano – Literatura Española* (biografias de escritores, resúmenes históricos, textos literários). Nesse mesmo ano, a Companhia Editora Nacional lançou um *Compêndio de Literatura Espanhola e Hispano-americana – História e antologia* (de acordo com o Programa de Espanhol para o Curso Clássico e o Científico no Ensino Secundário), de Idel Becker. No ano seguinte, Cândido Jucá Filho publicou *El castellano contemporáneo – gramática y texto para uso de los colegiales brasileños* e Leônidas Sobrino Porto publicou uma *Antología Española*, a qual recebeu uma segunda edição, revisada e ampliada, em 1947. O ícone editorial dessa década a respeito do ensino do espanhol foi o *Manual de Español*, publicado em 1945, na Companhia Editora Nacional, por Idel Becker, uma obra reeditada até o final da década de 1970 cujas principais diferenças entre a *Gramática* de Nascentes foram a inclusão de textos e de exercícios para cada capítulo.

CONCLUSÃO

De modo curioso, a biografia de Antenor Nascentes reitera ou antecipa um vetor constitutivo da Linguística Aplicada (LA) no Brasil, a demanda, seja por força do dispositivo legal que regulava a política linguística da diplomacia brasileira, seja pelo contorno da administração local de disputas institucionais. No acidente biográfico do autor se condensam forças sociais que mais tarde seriam regulares para a área (GERALDI; COSTA, 2007).

Três discursos epistemológicos compõem sua abordagem: o filológico, sobretudo, o pedagógico e o cultural. Como ocorrerá mais tarde na LA brasileira, a hegemonia da “epistemologia disponível” – neste caso, a filologia – vai se deformando, ainda que de modo lento e escasso, em favor de outras relativas à demanda – neste caso, uma abordagem parcialmente comunicativa e com algo de gêneros textuais também. Os tópicos culturais são ilustrações que disso se derivam.

Além disso, Nascentes acaba por participar de um processo que não será estranho à área: a regulação seguinte à de sua inclusão ao ensino de espanhol é uma condição suficiente para o apagamento de sua abordagem consoante, sua acomodação institucional.

Ainda que escape aos objetivos primordiais deste artigo o exame das condições de possibilidade da Linguística Aplicada brasileira, caberia ainda fixar que a influência dos Estudos Culturais será também da ordem da “demanda”. No entanto, desta vez não da demanda de problemas educacionais ou afins, mas da demanda da agenda internacional da disciplina. De modo que talvez se possa falar também em Linguística Aplicada “no Brasil”, uma vez que muitos de seus projetos contemporâneos buscam replicar agendas de sucesso do exterior.

E, em se considerando este aspecto, finalmente, reitera-se a finalidade da reflexão que aqui se expôs. Toda disciplina tende a transformar seu passado em ideologia, mas nunca é inútil a qualquer campo acadêmico ampliar a consciência da dispersão em que se equilibra. Talvez um pouco doloroso, mas saudável, sem dúvida.

ANTENOR NASCENTES PHILOLOGY AND THE BEGINNING, IN BRAZIL, OF THE LINGUISTICS APPLIED TO TEACHING SPANISH

ABSTRACT

In 1919, Antenor Nascentes published, in Rio de Janeiro, the dissertation that he had submitted to the competition for filling the chair of Spanish at Colégio Pedro II. In this work, entitled *A test Diferencial Phonetica Luso-Spanish – About the Greek elements that are in Spanish*, there is not its justification and it's not specified its pedagogical purpose. It is inferred that the intention of this prose was the demonstration of the author's erudition and capacity for grammatical reflection. Thus, the qualification as “test” of the first work signals the willingness of springs for weighting contrastive, with an apparent didactical purpose, between Spanish and Portuguese. That dissertation reflected, however, as a philological perspective, one could apply the classical grammars to understanding the formation of distinctive sounds between Spanish and Portuguese. Having accumulated teaching practice in teaching Spanish, Nascentes composed two works, the *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920), purposefully directed for use in the classroom, and *Antologia espanhola e hispano-americana* (1943). In

this paper are weighed up the categories that marked the pedagogical route of Nascentes as a professor of Spanish language and analyzes the method of teaching inherent in their publications.

KEY WORDS: Antenor Nascentes, teaching of spanish, linguistic historiography.

NOTAS

- 1 As motivações dadas ao longo do século XX, para justificar a implantação do ensino de espanhol na Educação Básica, foram examinadas por nós no artigo *A procura de um poder simbólico inerente à língua espanhola e as justificativas da incorporação do castelhano ao ensino no Brasil*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%202010-2501/A%20procura%20de%20um%20poder.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.
- 2 Os cinco candidatos foram Antenor Nascentes, Breno Arruda, Dario Português da Silva, David Perez e Novaes Cunha (Carmo, 1960, p. 141).
- 3 Essa entrevista foi reproduzida nos *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, v. X, n. 17, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnfl/17/08.htm>>. Acesso em: 13 set. 2013.
- 4 A Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) foi fundada em 4 de abril de 1939 através do Decreto-lei n. 1.190. Posteriormente, em 1º de julho de 1940, pelo Decreto-Lei n. 2.356, no curso de letras neolatinas da FNFfi, desdobrou-se a disciplina e a cadeira de “língua espanhola e literatura espanhola e hispano-americana”. Essa foi a primeira resolução pela qual um Presidente da República – Getúlio Vargas – interveio na estruturação do castelhano na educação superior.
- 5 A bibliografia de Antenor Nascentes foi publicada na *Revista Romanitas: Revista de Cultura Romana (Língua, Instituições e Direito)*, Rio de Janeiro, v. 12-13, p. 7-13. 1974. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnfl/17/03.htm>>. Acesso em: 13 set. 2013.
- 6 Os títulos, tanto das obras quanto dos seus capítulos, são indicados mantendo a ortografia usada no momento de sua publicação.
- 7 Nas citações, mantém-se a ortografia original do texto.

REFERÊNCIAS

CARMO, Pinto do. *Presença de Espanha*. 3. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1960.

GERALDI, João Wanderley; COSTA, Alexandre Ferreira da. O paradoxo aplicado. *Signótica*, v. 19, n. 2, set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7465/5288>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

JÚLIO, Sílvio. *Nótulas de literatura espanhola para brasileiros*. Rio de Janeiro: Publicações da Faculdade Nacional de Filosofia, 1962.

NASCENTES, Antenor. *Um ensaio de fonética diferencial luso-castelhana*: dos elementos gregos que se encontram no espanhol. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1919.

NASCENTES, Antenor. *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1936.

NASCENTES, Antenor. *Gramática da língua espanhola*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943a.

NASCENTES, Antenor. *Antologia espanhola e hispano-americana*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943b.

NASCENTES, Antenor. *Difusión de la lengua portuguesa en el Brasil*. Tradução e notas de Alarcón Fernández. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1944.

NASCENTES, Antenor. *Discurso*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1952.